

Contos de Terror do Homen - Deix
Ed. Companhia Intellectus, Lisboa, 2007

João TORDO nasceu em Lisboa, em 1975. Em 2007, publicou o seu segundo romance, **Hotel Memória** (Quidnovi), que se seguiu a **O livro dos homens sem luz** (Rocco), de 2004. Formou-se em Filosofia na Universidade Nova e estudou Jornalismo e Escrita Criativa em Londres e Nova Iorque, cidades onde viveu entre 1998 e 2004. Fez legendas para cinema e trabalhou como empregado de mesa. Escreveu para, entre outros, *O Independente*, *Sábado*, *Notícias Magazine*, *ELLE*, *Ícon* e *Egoista*. Trabalha como jornalista, tradutor e, mais recentemente, guionista. Venceu o **Prémio Jovens Criadores**, em 2001. Desde 1999, é o director da Associação dos Lobisomens Anónimos.

por **João TORDO**

Broadmoor

St Mary's, 1943

Da minha condição social, esperança ou saúde não há muito a dizer. Depois da morte do meu pai, herdei algum dinheiro que gastei ao jogo nos subúrbios de Londres. O prazer durou um fim-de-semana inteiro – quando terminou, fiquei sem um centavo que me pudesse comprar um pedaço de pão. Nesse dia, caminhei para o trabalho com o coração apertado de culpa e, viria a descobrir mais tarde, de uma artéria que iria deixar de bombear sangue através do meu corpo cansado.

Fui internado no hospital de St Mary's, em Janeiro de 1943, depois de uma paragem cardíaca. Era um homem novo, tinha trinta e seis anos, e caíra desmaiado no meio da rua, agarrado ao peito como se tentasse perfurá-lo com os meus dedos crispados. Não tenho memória de quem me ajudou – recordo a comoção em meu redor, o barulho, nada mais do que flashes de rostos inden-

ficáveis. Fui visto por um médico que me disse que deveria ficar internado pelo menos um mês. Iriam fazer novos exames para eliminar outras possibilidades mais graves. Falaram-me em insuficiência cardíaca e eu imaginei-me a morrer numa marquesa salpicada de sangue, tossindo tudo o que tinha dentro de mim que era podre, vil e inútil.

Mas esta história não é sobre mim. A única razão porque largo tinta na página — um dever que sempre me foi penoso — é porque, durante esse período de internamento, conheci um homem (se é que assim lhe posso chamar) diferente de qualquer outra criatura que se me tivesse apresentado. Chegou num princípio de noite em que eu estava meio adormecido, naquela letargia dos doentes, o jornal repousado na cadeira ao lado da cama. Tinha acabado de ler uma notícia sobre a reconquista de Trípoli pelos Aliados e, na minha imaginação febril, começava a reconstruir momentos de glória anglo-saxónica, entre nuvens de areia e palmeiras, o Oiravo Exército entrando triunfante na cidade com pesados tanques e exclamações de vitória, quando passos pesados no corredor me despertaram.

Três enfermeiras e um médico entraram no meu quarto carregando-o numa camisa de forças. Não era diferente de qualquer um de nós naquele hospital — pálido, cabelo fino e despentado, nariz anguloso, barba por fazer — mas, desde o primeiro segundo, percebi que tinha características especiais. De braços presos, movia-se como um animal, tentando libertar-se do colete, e os olhos possuíam uma estranha luminosidade e reviravam nas órbitas. Era evidente que ele nada conseguiria ver, e que estava a ter um ataque de alguma espécie. Largava grunhidos semelhantes aos de um animal feroz; e dos cantos da boca brotava uma espuma branca que lhe descia pelo queixo.

Quando o deitaram na cama ao lado da minha, que tinha estado vaga durante os três dias em que ali me encontrava, o homem pareceu sossegar. Ainda que o pescoço parecesse estar paralisado, e olhasse numa estranha direcção (quase para trás de si próprio), o resto do corpo parecia ter perdido o frenesim anterior. Uma das enfermeiras sussurrou-me ao ouvido que ele sofria de raiva, mas que a injeção que tomara começava a fazer efeito. Reparei que a enfermeira tinha um olhar intenso e bonito; e senti o seu perfume afastar-se quando

saíram do quarto. Alguns dias mais tarde, viria a saber o seu nome.

Nessa noite, dormi aos sobressaltos. Tinha apenas um lençol e uma manta para me cobrir — a guerra tratara de assegurar que tudo escasseava em Inglaterra, sobretudo as necessidades mais elementares, que diziam respeito à fome e ao frio — mas essa não foi a principal razão. Deitado na semi-escureidão, com os barulhos distantes de outras partes do hospital e o vento que, sem cessar, fazia agitar as árvores do lado de fora da janela, permanecia alerta para os movimentos do outro. O meu novo companheiro de quarto parecia repousar — na hora da refeição, uma das enfermeiras tinha-o injectado outra vez com um sedativo — mas, de quando em quando, um barulho de lençóis fazia-me desviar o olhar amedrontado para a cama, que, ainda que distando dois passos da minha, parecia cada vez mais próxima a cada minuto que passava, como se ele ocupasse um espaço maior do que eu. Como se a sua presença fosse, com o avançar da noite, preenchendo todos os vazios. Eventualmente, adormeci, mas acordei no dia seguinte com a sensação de não ter dormido de todo. Vi, durante a noite, os seus olhos abertos, luminosos como duas luas cheias, sem a certeza de ter sido ou não um sonho.

O homem manteve-se assim durante dois dias. Um médico do hospital de Broadmoor veio observá-lo e concluiu que sofria da psicose aguda inerente à raiva. Um dos sintomas era a paralisia do pescoço, e o espumar da boca, que parecia constante. Perguntei-lhe que animal o tinha mordido, e o médico respondeu que tinha sido um cão ou um lobo. Na segunda tarde, ouvi duas enfermeiras discutir a situação no corredor, e percebi que o meu novo companheiro era um soldado repatriado do norte de África, onde tinha sido ferido em combate no Egipto, na ofensiva Inglesa contra os Afrika Korps Alemães.

Uma delas regressou nessa mesma noite — era a mesma enfermeira que falara comigo dias atrás — e mudou os lençóis da cama do soldado, que estavam cobertos de urina e suor. De uma mala tirou uma seringa e um pequeno frasco de morfina e injectou-lhe o braço. Ele pareceu despertar do seu torpor por um instante, para logo se entregar a outro, mais suave e mais doce. Perguntei à enfermeira se podia dispensar alguma morfina, num atrevimento súbito, mas ela sabia que eu não tinha dores que o justificassem.

"O médico vem vê-lo amanhã," disse-me. "Se os exames correrem bem, tem alta daqui a dois dias. Não precisa de morfina."

"E ele precisa? Parece mais morto do que vivo."

"Ele está no período de ressaca da doença. Deve ter pesadelos horríveis e alucinações. Só está imóvel porque o sedativo não o deixa reagir. Quando ficar melhor, vai estar irreconhecível."

"Como é que sabe isso?"

A enfermeira fechou a maleta e ergueu-se, alisando a bata com uma mão.

"Quando foi encontrado, uivava como um lobo em agonia. Tinha atacado um rapaz novo em Moorgate, que, felizmente, conseguiu fugir. O pobre rapazinho foi internado em estado de choque. A raiva, no período mais furioso, transforma homens em animais."

"Como os lobisomens."

"Como os lobisomens," concordou ela. "Se estivéssemos na Ilade Média, ele seria julgado e queimado na fogueira."

"E o rapaz vai ficar bem?"

"Foi mordido. Está de quarentena, para evitar uma epidemia. Quando chegou ao hospital, tinha uma ferida na perna do tamanho de um bife. O pedaço que lhe falta foi mastigado e engolido por este homem."

Engoli em seco. A enfermeira voltou a tapar o soldado com o lençol e passou-lhe uma mão pelo cabelo.

"Como é que se chama?", perguntei.

"Renée," disse ela, antes de sair. "Se precisar, pergunte por mim."

A alta não chegou. O médico informou-me de que os primeiros exames tinham sido inconclusivos, e de que precisava de efectuar novas observações. Liguei para o trabalho e dei as notícias ao meu patrão, que reagiu com a indiferença habitual. Mais cedo ou mais tarde, a minha demissão era inevitável. Isso, os meus constantes problemas de saúde e o meu vício no jogo viriam a ser a minha ruína; mas isso faz parte de outra história, que irei contar um dia.

Quando regresssei ao quarto, depois dos exames da manhã, encontrei o soldado desperto. Estava penteado e barbeado — fruto da dedicação da enfermeira

Renée, contou-me mais tarde — e lia o jornal deitado na cama. A camisa de forças desaparecera, e os olhos tinham perdido a estranha luminosidade. Deitei-me à porta e olhei-o como se olhasse alguém pela primeira vez. Ele sorriu, um sorriso manchado por dentes que faltavam e por uma placa amarela, insidiosa, ganha porventura durante os anos em África. Perguntou-me o meu nome e disse-lho; respondeu que se chamava Ed e estendeu-me a mão em cumprimento. Enquanto lha apertava, reparei que o seu braço, descoberto pelo pijama demasiado curto, era completamente coberto de pêlos grossos e emaranhados, que trepavam até à fronteira entre as costas da mão e as falanges.

"Estive inconsciente," disse ele, quando me sentei na cama. "O que é que eu perdi?"

"Bom, deixa ver. Os alemães voltaram a bombardear Inglaterra. Parece que atingiram uma escola e que morreram crianças. Por outro lado, os Aliados conquistaram Tripoli, e a rendição em Estalinegrado pode estar eminente. E a enfermeira tem estado a racionar a morfina. São os destaquês da semana."

"Só me recordo de África, amigo. Não tenho memória de aqui chegar. A enfermeira disse quatro dias, mas pareceu-me muito mais tempo. É como se tivesse morrido e tornado a nascer."

"Não sabes como voltaste a Inglaterra?"

"Fui ferido, em combate," respondeu, erguendo a bata e mostrando os estilhaços na zona do abdómen. "Passei dias no hospital, no Egipto, e apanhei uma febre alta. Lembro-me de que não havia médicos que chegassem para todos os feridos, e que fiquei dias deitado numa marquesa, coberto de poeira."

"Parece que há um surto de raiva, e tu foste mordido por um cão. Ou um lobo. Ninguém sabe ao certo. Devem ter-te posto no primeiro navio de regresso."

Ed abandonou o sorriso.

"E depois?"

"Talvez tivesses fugido quando chegaste a Londres. Talvez a doença te tivesse atacado durante a viagem."

Ed ficou em silêncio um momento. Depois perguntou:

"E tu?"

“Sofro do coração,” disse-lhe. “Insuficiência cardíaca. Os médicos acham que pode ser grave.”

“Por isso é que não te incorporaram no exército?”

“Sim,” menti. “Foi por isso.”

“Não perdeste nada. Mortos, deserto e pó, amigo. Foi tudo o que vi e tudo o que trouxe comigo. Mortos, deserto e pó. Só isso.”

Nessa noite, quando Ed já dormia, recriminei-me por o ter julgado mal. Não falámos muito o resto do dia – ao passo que ele recuperava, eu parecia estar a piorar, e os sintomas alastravam, causando-me dores de cabeça violentas que me arremessavam ao sono – mas percebi que tinha uma personalidade de dócil. Estava marcado pela guerra, e o seu corpo debilitado mostrava-o, mas, ao contrário da estranha criatura que tinha chegado há poucos dias, o homem que surgira após a doença era um companheiro de quarto agradável e delicado.

Nos dias que se seguiram, falámos a espaços, entre os exames de rotina, as horas de sono e as visitas constantes das enfermeiras. A enfermeira René parecia ter ganho um afecto especial por ele, e visitava-o sempre que podia, sentando-se à beira da sua cama e fazendo-lhe todo o género de perguntas sobre o seu estado. Cedô, percebi que os dois se sentiam enamorados. Ed devia ser um pouco mais novo do que eu, e René não teria mais do que vinte e poucos anos; e é por demais conhecida a influência romântica que têm, em certas mulheres, os homens desprotegidos.

Ed contou-me histórias da guerra que eu conseguira a todo o custo evitar. Uma noite ficámos a conversar até tarde e na escuridão do quarto – era uma noite mais silenciosa do que as outras – consegui imaginar perante mim os cenários aterroizantes que me descrevia, de tanques avançando pelas dunas, aviões com bocas flamejantes descendo a pique e largando bombas assassinas, as tropas de Rommel, de olhos possuídos por um demónio na forma de um vírus, avançando sem piedade, destroçando, amputando, ceifando tudo à sua passagem. Foi nessa noite que Ed falou sobre o Cairo.

“Não te contei no outro dia,” começou baixinho, “porque não te queria assustar.” Sentí o medo na sua voz e abri os olhos. Estava muito escuro.



"Isto aconteceu há algum tempo. Talvez meses. Foi quando o batalhão esteve de licença durante uns dias. A maior parte dos homens ficou no deserto, mas, como estávamos perto do Cairo, decidi apanhar boleia num jipe que ia à cidade. Nunca tinha estado no Cairo. Digo-te, amigo, é um lugar de gente louca. Passei a tarde toda a entrar e sair de lojas e nas ruas imundas, olhando para os homens magros e escuros que pedinchavam, que me empurravam e que corriam em todas as direcções. Depois de meses no deserto, pareciam-me alienígenas. Só tinha de me apresentar no quartel dos Aliados à noite, e achei que poderia parar num bar para beber alguma coisa. Lá, conheci um homem que me ofereceu ópio. Fumámos numa sala das traseiras, sentados no chão, e perdi a noção do tempo. Quando sai do bar já estava escuro, e os homens que enchiam as ruas tinham desaparecido. Caminhei sem direcção durante algum tempo. Estrava perdido, mas não me importava; sabes como é... Devo ter entrado por ruas secundárias, não me lembro bem, porque quando dei por mim estava numa espécie de labirinto de corredores apertados. Mal conseguia ver as estrelas no céu. Foi quando percebi que estava a ser seguido. Os meus passos eram imitados por outros passos, cada vez mais próximos. Só que não eram os passos de um homem, mas de uma criatura em quatro patas. Pensei que fosse um cão vadio e detive-me à espera numa rua sem saída. Quando vi o animal, julguei que tinha enlouquecido. Só lhe distinguia a sombra, iluminado pela lua, mas se era um cão, era o maior cão que eu alguma vez tinha visto. Era do tamanho de um homem, e os olhos... os olhos brilhavam na noite. Brilhavam como se tivessem luz própria. Aquilo aproximou-se, passo a passo, de mim, a rosnar baixinho, e nessa altura devo ter desmaiado, porque despertei algum tempo depois no mesmo lugar, sozinho e coberto de sangue. Parre do sangue era meu, porque o cão tinha-me morrido no ombro, mas julgo que a maioría era dele. Talvez estivesse ferido. Arrastei-me pelas ruas durante muito tempo, até encontrar um homem que me ajudou e me levou ao quartel dos Aliados. Disse-lhes que tinha sido atacado por um cão raivoso, mas naquele lugar não existiam tratamentos nem vacinas. No dia seguinte, fui levado outra vez para o deserto."

Ed calou-se por um momento. Depois, sentiu a sua hesitação antes de fazer

a pergunta.

"Estrive com raiva, não foi, amigo? Apanhei a doença daquele animal!"

"Acho que sim," disse-lhe. A voz saiu-me súbita e aguda. A conversa terminou aí, mas só adormeci muito mais tarde.

As dores não pararam de aumentar, e transformaram-se num mal-estar permanente, que me provocava náuseas no corpo inteiro. As enfermeiras começaram a injectar-me doses substanciais de morfina, e a minha memória das semanas que se seguiram é difusa, marcada por períodos esporádicos de lucidez. Ed teve alta pouco depois, e eu fiquei até ao princípio de Maio, quando os médicos disseram não haver solução para o meu problema e me deixaram ir, recomendando-me repouso. Poderia não sobreviver até ao final do Verão; mas, se evitasse os choques violentos da vida, não haveria razão para que o meu coração desistisse tão cedo de bombear sangue.

Não voltei a pensar no meu antigo companheiro de quarto durante quase um ano, até uma tarde em que, folheando o *The Times*, li uma notícia sobre um suposto ataque de um lobo a uma família em Chalk Farm. As autoridades diziam tratar-se de uma ocorrência extraordinária, um animal foragido do zoológico, que teria sido alvejado antes de fugir e morrido nos bosques; e eu quis acreditar que assim era, embora a sombra daquele tempo em St Mary's pairasse sobre mim. Estrava a viver do subsídio de desemprego, e a minha rotina consistia em passar pela farmácia todas as semanas e recolher a minha dose de opiáceos. Não necessitava deles — tinha-me acostumado às dores — mas adquirira um hábito à morfina.

De regresso da farmácia, nesse mesmo dia, ao aproximar-me de casa, vi um corpo grande caído à porta do meu prédio, as roupas em farrapos. Era Ed, e encontrava-se inconsciente. Com esforço, carreguei-o para o meu apartamento no terceiro andar e deitei-o na cama. Tinha arranhões e feridas por todo o corpo, e três buracos de bala, dois na perna e um no peito. No bolso das calças, descobri a minha morada, arrancada de uma lista telefónica.

"Calma, companheiro," disse-lhe, enquanto lhe despi a camisa ensanguentada. "vamos já tratar dessas dores."

Dei-lhe uma injeção de morfina e olhei para as suas feridas: estavam infectadas e cheias de pus. Quando o voltei sobre si próprio para lhe ver as costas, reparei que, tal como os braços, estavam cobertas de pelos negros. Sentei-me numa cadeira ao lado da cama e ponderei o que fazer. Se não trouxesse ajuda, Ed morreria em pouco tempo; se a trouxesse, poderia estar a prolongar a vida de um assassino demente.

Nessa noite, fui até St Mary's e esperei que a enfermeira Renée terminasse o turno. No princípio, assustou-se com a minha presença, mas quando lhe falei de Ed acalmou-se e acompanhou-me. Na viagem de táxi até minha casa, lembrei-me como era bonita e pensei que, numa outra vida, poderia ter amado uma mulher assim. Quando chegámos, ao ver o soldado na minha cama naquele estado moribundo, ela pareceu esquecer-se de tudo e, durante horas, tratou dele com penicilina, gazes e unguentos. Insistiu para o levarmos ao hospital, mas eu recusei. Não sei porque o fiz; mas a ideia de libertar outra vez aquele homem para o mundo enchia-me de terror. Renée chorou e suplicou, mas eu mantive-me firme. Já muito tarde, ergueu-se e disse que ele iria sobre-viver aquela noite. Ao sair, olhou para a morfina sobre a mesa da sala.

"Isto é o pior que pode acontecer a um homem," disse, segurando um dos frascos.

"Prometa-me que não fala disto a ninguém."

Ela passou por mim, em direcção à porta.

"Regresso amanhã para ver como ele está."

Renée voltou, dia após dia, mas Ed não ficou melhor. Parecia morto sem o estar — o seu coração batia, mas o resto do corpo era uma carne podre e imóvel, a pele cinzenta e o pescoço paralisado. Eu vivi esse tempo em pânico constante. No dia seguinte a tê-lo encontrado, o *The Times* publicara fotografias da família que fora atacada. As crianças tinham sobrevivido sem grandes mazelas, mas a mãe tinha perdido metade do rosto, arrancado à dentada por um animal. Um homem não seria capaz daquilo. Durante as semanas que Ed esteve em minha casa, esperei que a qualquer momento se erguesse para acabar com a minha vida; o único consolo que tinha era a droga que o mantinha

adormecido.

Quase um mês depois, a lua cheia regressou. Durante esse dia, o corpo de Ed pareceu inchar, e as pilosidades tinham-se alastrado; as veias tornaram-se mais grossas e protuberantes. Eu não era um homem supersticioso, mas disse a Renée que, nessa noite, deveríamos trançá-lo no quarto e manter-nos alertas. Assim o fizemos, selando a porta com uma grossa trave de madeira, e sentámo-nos na mesa da sala à espera que as horas passassem. Eu sentia o coração acelerado, apesar da morfina, e a antiga náusea tinha regressado. A enfermeira permanecia expectante, muito quieta e silenciosa.

Pouco após a meia-noite, alguma coisa despertou lá dentro. Primeiro ouviram-se barulhos dispersos, mas depois passos pesados começaram a ecoar pela casa. Não eram passos humanos, nem o era a voz — o rugido — que se ouvia através da porta. Erguemo-nos das cadeiras, assustados, e avançámos devagar até à porta, quando um estrondo enorme quase nos matou de susto. O que quer que estivesse do outro lado fazia investidas desesperadas contra a madeira, rugindo, uivando e mordendo, desvastrado por se libertar daquela prisão. Um homem teria desfalecido, após algumas tentativas; mas, pelo peso que se adivinhava, aquilo era um monstro enorme e ensandecido.

Em pânico, pensei em fugir e chamar a polícia, mas Renée pediu-me que aguardasse, segurando-me o braço. No instante em que ela me tocou — e que a porta começou a ceder, a madeira despedaçada pela força dos golpes — tive a mesma sensação de descida em espiral que tivera naquele Inverno de 1943. Agarrei-me ao peito e cal de joelhos, em busca de ar, sentindo que o coração iria saltar cá para fora a qualquer segundo. Antes de perder a consciência, vi Renée avançar para a porta e erguer a trave de madeira, mas, antes que aquela coisa pudesse sair, eu já tombara desmaiado no chão.

Anos passados, a minha condição social é pior, tenho menos saúde (tive três ataques cardíacos em cinco anos) e nenhuma esperança. Passei algum tempo encarcerado, até que um advogado me conseguiu libar de um crime que não cometi. Quando a polícia entrou no meu apartamento naquela noite, encontrou uma mulher morta e desfigurada no chão, e um homem ao seu

lado desesperado por uma golfada de ar, o peito prestes a explodir, coberto de sangue que não era seu. Fui preso por falta de outro suspeito que justificasse aquele crime.

Ainda hoje penso nele, quando o relógio bate as doze. Todas as noites, nos meus sonhos, os livros voam através da sala, as luzes apagam-se e uma mulher de branco visita-me, culpando-me da sua morte. Atrás dela, vejo um homem de olhos luminosos, que sei andar à solta pela cidade. Não abro a porta de casa a ninguém. Evito sair, a menos que seja imperioso, e nunca – mas nunca – compro o jornal. Tenho-me tornado mais fechado; acho que é a morte a chamar por mim. Vejo o meu corpo, um dia, a flutuar como folhas ao vento, querendo respirar e não conseguindo. A minha mão transforma-se numa garra que me rasga o peito e me arranca o coração, exibindo-o perante os meus olhos, e depois o atira fora como uma relíquia que já ninguém quer.